

O LADO PITORESCO DA VIDA NAVAL

As histórias aqui contadas reproduzem, com respeitoso humor, o que se conta nas conversas alegres das praças-d'armas e dos conveses. Guardadas certas liberdades, todas elas, na sua essência, são verídicas e por isso caracterizam várias fases da vida na Marinha.

São válidas, também, histórias vividas em outras Marinhas.

Contamos com sua colaboração. Se desejar, apenas apresente o caso por carta, ou por *e-mail*.

GAIBU, LENDA OU MITO?

Esta é a história de como nasce uma lenda (ou um mito).

Vivíamos tempos difíceis nos anos 80. Eu fazia parte do HA-1 (1º Esquadrão de Helicópteros de Esclarecimento e Ataque Antissubmarino) da Força Aeronaval.

Naquela época, o HA -1 operava as aeronaves SAH-11 Sea Lynx, havia pouco adquiridas pela Marinha para comporem o sistema de armas das novíssimas fragatas classe *Niterói*. Como projeto novo que operava com motores GEN 2 Rolls Royce, os Lynx sofriam pela pouca experiência, causando alguns sustos em voo aos seus tripulantes, como apagamento em situações desagradáveis (voando em cima d'água por vezes à noite). Esses sustos causavam algum receio aos tripulantes, o que nos obrigava a buscar um incentivo suplementar para cumprirmos nosso dever de militares profissionais destemidos.

Depois de muitos esforços técnicos, visando melhorar o desempenho dos nossos motores, o comandante do Esquadrão, CF Chrockatt, à luz de sua experiência na Inglaterra, determinou uma divisão de sua tripulação em DAE (Destacamentos Aéreos Embarcados), inspirado na operatividade da Royal Navy. Dessa forma, cada DAE ficaria responsável por duas aeronaves, tanto no aspecto operativo quanto na manutenção.

O 3º DAE foi composto inicialmente pelos CT Albuquerque Lima, Postarek e Barreira; pelos SG Willian e Basílio, pelo CB Mathias e por mais alguns cabos e marinheiros cujos nomes não me recordo, passados mais de 40 anos. Essa equipe seria a responsável pelos Lynx 3025 e Lynx 3026.

Todos trabalhavam com afinco por horas, visando assegurar, além de eficiên-



SAH-11 Sea Lynx 3026, o Gaibu

cia operativa, a melhor e mais confiável manutenção, garantindo acima de tudo segurança a nossa atividade aérea em condições de alto risco. Nós precisávamos de alguns momentos de descontração e orgulho pelo trabalho que realizávamos, e conseguimos isso quando uma de nossas aeronaves (Lynx 3026) foi a primeira a completar mil horas de voo. Então, resolvemos fazer uma pequena comemoração batizando a “nossa” aeronave com um nome próprio para ressaltar a sua eficiência.

Depois de algumas conversas, resolvemos criar um nome que resumisse as qualidades de voo de nossa aeronave, tanto sobre a superfície marítima (tal qual uma gaivota), quanto sobre solo terrestre (tal qual um urubu). A união romântica das duas aves gerou o nome de uma máquina de guerra híbrida, o Gaibu, mantida e operada por homens inoculados pelo “sangue de lince”. Não bastaria apenas um nome. Seria necessário que houvesse uma “lenda” que sustentasse o nome. Assim sendo, ofereci-me a deitar letras sobre papel antes da cerimônia de batismo e criei a “Lenda do Gaibu”.

Diz a lenda que, certo dia, uma garbosa e alva gaivota exibia sua destreza e finesse de voos rasantes sobre os mares bravios, em quaisquer condições de tempo (e mar), principalmente sobre o Atlântico Sul (há quem afirme que seria descendente de Fernão Capello Gaivota de Richard Bach). Neste dia, num dos voos próximos à região montanhosa do litoral fluminense, mais especificamente dos morros do Pão de Açúcar e Corcovado, obser-

vou um orgulhoso urubu-rei de brilhantes penas negras sobre uma penugem branca na parte abdominal, que pairava se exibindo numa térmica sobre a região da Gávea. Em que pesem as diferenças físicas e de coloração das plumagens, houve uma admiração mútua. Cansadas da atividade aérea, coincidentemente, as duas aves resolveram pousar lado a lado para descanso na copa da mesma palmeira imperial do Jardim Botânico carioca. Não se sabe o que ocorreu na copa da palmeira imperial, mas que esse encontro gerou um ser alado acinzentado de barriga branca, muito forte e determinado, quando rompeu a casca do ovo às margens da Lagoa de Araruama, isso é fato indiscutível. Era um animal híbrido com características muito particulares, corajoso, agressivo e ao mesmo tempo justo e defensor dos mais fracos. Ele dominava com perfeição a arte de voar sobre terra e principalmente sobre o mar, mesmo se mantendo pairado no ar. O animal possuía perspicácia, flexibilidade e rapidez que o levaram a ser comparado a um lince. Assim nasceu o Gaibu, filho da gaivota e do urubu.

Iniciamos a Cerimônia de Batismo do Lynx 3026. Ao lado da aeronave, no hangar do HA-1, estavam presentes todos do 3º DAE, portando seus macacões de voo, quando o chefe, CT Albuquerque Lima, deu início ao evento, solicitando que eu lesse a “Lenda do Gaibu”. Cumpri a minha parte na cerimônia, e todos ouviram em silêncio e respeitosamente. Ao término da leitura, um dos marinheiros do DAE, recém-embarcado, me chamou de lado e disse:

– Chefe, estou cursando Letras na Faculdade de Cabo Frio à noite, e ontem tivemos uma aula sobre mitologia grega. Eu adorei a aula e me interessei pelo tema. Por causa disso, gostaria de saber mais sobre a interessante Lenda do Gaibu. O senhor sabe se ela pertence a alguma dessas mitologias que estou estudando?

Confesso que fiquei sem saber o que responder. Por alguns segundos, fiquei curtindo um prazer solitário, degustando aquela pergunta sobre a minha “obra literária”, e respondi:

– Seja bem-vindo ao 3º DAE, marujo! Não sei se esta lenda pertence a alguma mitologia, mas descobriremos, quem sabe, antes da 3026 completar 10 mil horas de voo. Vamos juntos colar o adesivo Gaibu na aeronave e comer bolo com guaraná.

Hoje, mais de 40 anos se passaram, e eu não sei mais quantas horas de voo realizou o Lynx 3026, defendendo as cores da Marinha do Brasil pelo mundo, quantas vidas ajudou a salvar, por quantas atualizações técnicas passou e, principalmente, no que se transformou o Gaibu, se em lenda ou mito.

*José Luiz **Barreira** Batista
Capitão de Mar e Guerra (Ref^o)*